# A dialética entre a superação individual e a implosão sistêmica do próprio modelo

jusbrasil.com.br/artigos/a-dialetica-entre-a-superacao-individual-e-a-implosao-sistemica-do-proprio-modelo/5460090792

Sérgio Henrique da Silva Pereira January 13, 2026

Ser narcísico é uma condição estrutural da espécie humana. O narcisismo, longe de constituir patologia em si, é um **operador fundamental da constituição psíquica**, indispensável à formação do Eu e à elaboração dos mecanismos internos que permitem ao sujeito lidar com a frustração, a perda e o conflito entre o *Princípio do Prazer e o Princípio da Realidade*, conforme formulado por Freud (1911; 1914). Não há subjetividade sem investimento libidinal no Eu; tampouco há vida psíquica sem defesas egóicas organizadas a partir desse investimento.

O presente artigo articula contribuições da **psicanálise freudiana e pós-freudiana**, da **sociologia**, da **antropologia** e do **Direito**, situando-se como fragmento de um trabalho mais amplo em desenvolvimento, construído a partir de artigos anteriormente publicados e agora ampliados e sistematizados. Usei a Inteligência Artificial como *estruturação coesa* de meus vastos artigos publicados.

O objetivo central é compreender como determinadas configurações históricas, econômicas e institucionais incidem sobre a economia narcísica dos sujeitos, produzindo formas específicas de sofrimento psíquico e de organização social.

As nomenclaturas aqui utilizadas, de autoria própria, não pretendem criar novas categorias clínicas nem dialogam com o **Transtorno de Personalidade Narcisista**, tal como descrito no DSM. Trata-se de um esforço conceitual destinado a tornar mais inteligíveis, no plano teórico, as modalidades do narcisismo enquanto estrutura psíquica, tal como elaborada por Freud e desenvolvida por autores pós-freudianos como Klein, Winnicott, Kohut e Laplanche. O narcisismo aqui analisado não é sinônimo de *perversão moral*, *egoísmo* ou *patologia*, mas condição constitutiva do sujeito: um modo de ser e de se organizar psiquicamente no mundo.

Nesse sentido, o texto afasta deliberadamente qualquer intenção de demonizar ou patologizar pessoas rotuladas como “narcisistas” no discurso cotidiano. Na tradição psicanalítica, o narcisismo não é um desvio, mas um **momento estrutural e permanente da vida psíquica**, que pode assumir formas mais ou menos integradas, mais ou menos defensivas, conforme as condições subjetivas e sociais. Também, essa tipologia não tem finalidade diagnóstica nem se confunde com categorias psiquiátricas. Trata-se de um **modelo teórico-analítico**, destinado a compreender como diferentes formas de organização narcísica emergem da articulação entre estrutura psíquica, história de desenvolvimento e condições sociais, jurídicas e institucionais. O eixo central não é a moralização do narcisismo, mas a análise de seus modos de estruturação ou desestruturação em contextos históricos concretos.

Do ponto de vista metapsicológico, podem-se distinguir, de modo esquemático, três momentos fundamentais:

1) O **narcisismo primário** — corresponde à fase inicial da constituição psíquica, na qual toda a libido está investida no próprio Eu nascente. O bebê ainda não distingue Eu e objeto; não há reconhecimento da alteridade. O prazer não está localizado no objeto externo — no seio ou na pessoa materna enquanto outro —, mas no próprio corpo, em um autoerotismo que já se encontra integrado a um Eu embrionário (Freud, 1914). Trata-se de uma condição normal e necessária, sem a qual não haveria coesão subjetiva. Com o desenvolvimento, ocorre o **investimento objetal**, isto é, a saída parcial da libido do Eu em direção a objetos externos. É nesse movimento que surgem o desejo propriamente dito, a experiência da perda, a frustração e o reconhecimento da alteridade. O objeto passa a ser reconhecido como separado, não totalmente controlável, inaugurando a dependência e o risco inerente aos vínculos.

2) O **narcisismo secundário** — não se define pela simples centralidade no Eu, mas pelo retorno da libido objetal ao Eu após a experiência da alteridade. Esse retorno ocorre quando o objeto falha, o vínculo ameaça a integridade narcísica, a realidade impõe frustrações intoleráveis ou quando o Eu não suporta a dependência implicada no laço com o outro. Não se trata, portanto, de dependência excessiva de objetos externos, mas de uma **recentralização libidinal defensiva**, acionada como resposta às exigências do real. Essa distinção é crucial para evitar leituras moralizantes ou psicologizantes do narcisismo. O problema não reside na existência do narcisismo, mas nas formas históricas e sociais que **impedem sua elaboração simbólica**, favorecendo fixações defensivas e regressões que terão efeitos não apenas clínicos, mas também políticos, jurídicos e institucionais.

O narcisismo secundário se divide em:

**1. Narcisismo Secundário Estruturado (Self Identitário)**

Denomina-se **narcisismo secundário estruturado** a forma de organização narcísica na qual o retorno da libido ao Eu, após experiências de frustração ou falha do objeto, ocorre de modo **integrado**, sem ruptura da identidade nem colapso do reconhecimento da alteridade. Trata-se de um self identitário, capaz de manter a coesão subjetiva diante da perda, do limite e da dependência. Nesse modelo, coexistem de forma dialética o **polo grandioso verdadeiro** e o **polo vulnerável verdadeiro**, conforme descrito por Kohut (1971) e Winnicott (1965). A grandiosidade não assume caráter delirante ou onipotente, mas expressa autoestima estável, senso de eficácia e investimento criativo no mundo. A vulnerabilidade, por sua vez, pode ser reconhecida e simbolizada, permitindo ao sujeito admitir fragilidade, adoecimento e limites orgânicos sem vivenciar tais experiências como humilhação ontológica. O sujeito reconhece-se como **ser orgânico**, finito, passível de adoecer, envelhecer e falhar. Pode apresentar maior resistência física, intelectual ou social, mas não se percebe como imune, indestrutível ou excepcional por natureza. A inteligência, quando presente, não é vivida como

fundamento de superioridade moral ou ontológica, tampouco como direito à centralidade absoluta no laço social. A relação com o outro é marcada pelo reconhecimento da alteridade: o outro é percebido como **fim em si**, não como meio de validação narcísica. Esse funcionamento está associado, em geral, a contextos de desenvolvimento nos quais as figuras parentais — genéticas ou adotivas — exerceram funções suficientemente boas (Winnicott), evitando tanto o mimar excessivo quanto o desprezo, abstendo-se de comparações sistemáticas entre irmãos ou terceiros, e não instrumentalizando os filhos para a reparação de frustrações narcísicas próprias.

**2. Narcisismo Secundário Desestruturado (Self Não Identitário)**

O **narcisismo secundário desestruturado** corresponde a uma organização psíquica em que o retorno da libido ao Eu ocorre de modo defensivo e rígido, resultando em fragilidade identitária e dificuldade estrutural de simbolização da perda, do limite e da dependência. Trata-se de um **self não identitário**, cuja coesão depende de defesas narcísicas intensas.Nessa configuração, predominam formas **falsas de grandiosidade e/ou vulnerabilidade**, nos termos de Winnicott (1960), bem como modalidades agressivas de relação com o objeto. O sujeito não se reconhece plenamente como ser orgânico e finito, mesmo quando fisicamente saudável, tende a vivenciar-se como imune, invulnerável ou excepcional. A inteligência, quando presente, é investida como prova de superioridade ontológica, sustentando fantasias de centralidade absoluta — frequentemente figuradas simbolicamente como um “deus grego” merecedor de adoração. O outro deixa de ser reconhecido como fim em si e passa a ser tratado como objeto de uso, validação, exploração ou ataque. Esse funcionamento está frequentemente associado a histórias de desenvolvimento marcadas por **inconsistência parental**, seja por excesso de idealização e mimos, seja por desprezo, comparações humilhantes, projeções de angústias e frustrações dos adultos, ou pela instrumentalização dos filhos como veículos de realização narcísica parental.

**3. Subtipos do Narcisismo Secundário Desestruturado**

A) Narcisista Não Saudável (Grandioso e/ou Vulnerável Falsos):

**A.1) Narcisista Grandioso Falso** — Caracteriza-se pela centralidade excessiva no próprio Eu, pela necessidade recorrente de falar de si e de ser reconhecido, e pela tendência a desqualificar o outro quando este ameaça sua posição narcísica. Pode assumir formas aparentemente altruístas, nas quais a ajuda ao outro está condicionada à obtenção de admiração, elogio ou reconhecimento simbólico. A ausência desse retorno pode levar à retirada abrupta do investimento ou à desvalorização do beneficiário. Em outras configurações, manifesta-se como exploração direta, instrumentalizando o outro para ganhos materiais, afetivos ou simbólicos.

**A.2) Narcisista Vulnerável Falso** — Organiza-se em torno da exibição da própria dor, do sofrimento e da posição de vítima. A vulnerabilidade não é simbolizada, mas utilizada como estratégia defensiva de extração de compaixão, atenção ou recursos. Pode assumir a forma de dependência adesiva

("narcisista grude") ou de exploração indireta, na qual o sofrimento declarado legitima exigências contínuas ao outro.

**B) Narcisista Sádico (Agressivo ou Defensivo)** — O **narcisista sádico** pode coexistir com as formas grandiosa ou vulnerável falsas, mas distingue-se pela **intensificação da objetificação do outro**. A relação é estruturada pela descarga agressiva, seja em forma de ataque direto, humilhação, controle ou violência simbólica, seja de modo defensivo, quando a agressividade é mobilizada para evitar o colapso narcísico diante da frustração ou da dependência. Aqui, o outro não apenas valida ou frustra o Eu: ele é reduzido a objeto (objetificação) sobre o qual se exerce poder, dominação ou aniquilamento simbólico, o que aproxima essa configuração das análises freudianas sobre sadismo, pulsão de morte e desinvestimento do objeto (Freud, 1920).

**A COMPENSAÇÃO LIBIDINAL**

Trata-se de uma resposta psíquica ao patriarcado jurídico e simbólico pré-1988, no qual mulheres eram estruturalmente desprovidas de reconhecimento jurídico pleno (Weber; Bourdieu), ou, atualmente, com a CRFB de 1988, o reconhecimento do ordenamanto jurídico pátrio, quanto à dignidade humana, do gênero feminino, formal e material. A fragilidade não decorre de falha materna, mas do fato de que a compensação libidinal opera no nível do sujeito, enquanto a opressão se organiza no nível do campo jurídico, econômico e simbólico (Bourdieu).

A matriarca pode, como forma de compensação histórica e psíquica, investir na formação de filhas "empreendedoras" para não serem reduzidas à condição de servas de homens, e isso é um fenômeno clinicamente observável e teoricamente consistente. Contudo, essa estratégia só é parcialmente emancipatória e estruturalmente frágil, ao depender de condições sociais, econômicas e sobretudo jurídico-institucionais que escapam ao controle individual ou familiar. Do ponto de vista psicanalítico, trata-se de uma compensação criativa adleriana (Adler, 1930): a matriarca, tendo experimentado a coisificação jurídica e simbólica do feminino, tenta impedir a repetição transgeracional da inferiorização, deslocando o investimento narcísico das filhas para a autonomia econômica, a coragem, a determinação e o desempenho. Diferentemente da supercompensação hostil, essa forma pode ser saudável quando articulada ao sentimento comunitário e ao reconhecimento da vulnerabilidade. No entanto, ela arrisca se converter em uma forma sofisticada de narcisismo defensivo, quando depende exclusivamente da lógica meritocrática para garantir dignidade e valor.

*Vale Tudo*, novela reprisada da Rede Globo de Televisão. Analogia com figuras como Odete Roitman funciona como dispositivo teórico, não se trata da vilania moral, mas da cristalização de um superego produtivista que diz às filhas: "Vença ou desapareça". O problema estrutural é que tanto meninos quanto meninas formados nesse modelo passam a viver em uma bolha ideológica de estabilidade, como se o êxito individual fosse garantia ontológica permanente. Essa bolha ignora ao evocar o Nomos da Terra de Carl Schmitt (1950): a ordem social, econômica e jurídica não é fixa; ela é historicamente

contingente, fundada em decisões de poder, apropriações originárias e rearranjos geopolíticos. A meritocracia do tipo “Vim, Vi e Venci” é conceitualmente dependente de um mundo estável, quase imutável. Ela pressupõe continuidade institucional, previsibilidade econômica e transmissão intergeracional de oportunidades. Quando uma geração inteira vive sob determinadas condições — crescimento econômico, relativa mobilidade social, expansão de direitos — essas condições tendem a ser naturalizadas como “verdade”. Weber já havia mostrado que valores históricos contingentes se cristalizam como ética objetiva (Weber, 1904–1905). O problema contemporâneo é que, com a intensificação da globalização — que não começa no século XXI, mas se acelera desde o século XIX —, as “verdades sociais” tornam-se líquidas, para usar o termo de Bauman (2000). Nesse contexto, a pessoa formada na ética do desempenho entra em colapso quando o cenário muda. Automatização, robotização e agora a inteligência artificial não são, em si, as causas do sofrimento psíquico coletivo. O que produz angústia é a cosmovisão liberal reducionista que transforma essas tecnologias em instrumentos de concentração de poder, renda e tempo de vida. Como Marx já indicava, o problema não é a técnica, mas a forma social de apropriação do excedente (Marx, 1867). A promessa de “qualidade de vida” via tecnologia torna-se privilégio de poucos, sustentado por reservas de mercado, heranças seculares, concentração fundiária e exploração historicamente acumulada, muitas vezes mascaradas por discursos de “escolha individual” e “liberdade de contratar”. A noção de *Liberalismo de Alcova* é conceitualmente fecunda: trata-se de um liberalismo que naturaliza o gozo privado do vencedor, enquanto externaliza o sofrimento coletivo. O prazer narcísico do “conquistador (a)” é legitimado, e a exclusão dos outros é racionalizada como efeito colateral inevitável. A *Máquina Antropofágica* encontra respaldo em filosofias políticas e econômicas antropologicamente empobrecidas, que reduzem o humano ao desempenho, à utilidade e à adaptabilidade. Do ponto de vista da economia libidinal, isso pode ser lido como uma forma de eterno retorno do sofrimento, no sentido nietzschiano reinterpretado clinicamente, o sistema produz repetidamente sujeitos que acreditam ter vencido por mérito próprio, apenas para serem periodicamente descartados quando as condições estruturais mudam — a culpa é da própria pessoa. A angústia gerada por essa instabilidade é então recalcada, projetada ou transformada em ressentimento político e social. Freud já advertia que civilizações fundadas exclusivamente no princípio do rendimento produzem mal-estar estrutural (Freud, 1930).

## PERVERSÃO INSTITUCIONAL

Empresas — ou seres humanos? — que exigem sacrifício coletivo em nome da “geração de riqueza”, mas individualizam a culpa pelas falhas — é coerente com o que Foucault descreveu como governamentalidade neoliberal: a pessoa é responsável por tudo, inclusive pelo que não controla (Foucault, 1979). Trata-se de uma moralização do fracasso que intensifica o complexo de inferioridade e alimenta defesas narcísicas cada vez mais rígidas contra o sofrimento. As tecnologias (IA, automação) têm o potencial de liberar a humanidade do trabalho alienado e criar qualidade de vida universal. Mas, dentro do “Nomos” atual, elas se tornam armas de concentração de poder e precarização. A fala dos (as) empresários (as) — "A sociedade e o Estado devem ajudar" — é a encenação narcísica final. Eles

(elas) se apresentam como benfeitores (as) e criadores (a) de valor, enquanto externalizam todos os custos sociais e humanos. É a racionalização do Grandioso Falso em escala corporativa: "Nós somos os geradores da riqueza, os outros são parasitas ou auxiliares descartáveis.".

O Self Não-Identitário Grandioso Falso — empreendedor (a), o (a) "vencedor (a)" — está fadado à ansiedade permanente, porque seu “Nomos” (a meritocracia estável) é uma fantasia que a História está desmentindo em tempo real. A solução matriarcal (criar empreendedoras) é uma adaptação sintomática. Salva individualmente algumas mulheres da servidão direta, mas as joga na servidão voluntária à lógica do desempenho e do colapso. A saída só pode ser coletiva e civilizatória: requer construir um novo “Nomos”, um que desloque o valor do ter/vencer para o ser/cuidar; reconheça a interdependência e a vulnerabilidade como bases da condição humana, não como falhas; use o potencial libertador da tecnologia para disseminar qualidade de vida, e não para intensificar a concentração e o controle; substitua a ética do gozo privado do vencedor (Liberalismo de Alcova") por uma ética da dignidade comum. Sem isso, tanto meninos quanto meninas permanecem presos a um modelo de subjetivação que confunde valor com vitória, dignidade com desempenho e humanidade com utilidade — um terreno fértil para o narcisismo secundário desestruturado em escala individual e coletiva.

Fixações ao acúmulo, empreendimentos deficitários mantidos como “fachadas” e a normalização da precarização do trabalho não são meros erros econômicos ou desvios morais individuais, mas expressões de uma economia libidinal patologicamente organizada em torno do narcisismo defensivo, sustentada por um superego social produtivista. Do ponto de vista psicanalítico, esses fenômenos podem ser compreendidos como fixações narcísicas em objetos ou posições simbólicas que funcionam como garantias imaginárias de existência. Freud já havia observado que, quando a libido retorna ao Eu sem possibilidade de elaboração simbólica, ela tende a se fixar em formações substitutivas (Freud, 1914; 1923). O acúmulo compulsivo, o apego a empreendimentos economicamente inviáveis e a insistência em “manter a empresa aberta a qualquer custo” operam como objetos narcísicos externos, cuja função não é gerar valor real, mas sustentar a fantasia identitária de ser produtor, vencedor, empreendedor. Nesse sentido, muitos desses negócios não fracassam apesar de suas dívidas; eles sobrevivem por causa delas, pois a dívida mantém o sujeito preso à cena de luta, sacrifício e “resistência”, evitando o colapso narcísico que adviria do reconhecimento do limite. André Green descreve esse tipo de funcionamento como uma organização narcísica negativa, na qual o sujeito prefere a dor, o conflito e a ruína ao vazio psíquico que surgiria com a desistência (Green, 1983). O empreendimento torna-se um prolongamento do Eu: fechá-lo equivaleria a admitir a própria falha ontológica.

A consequência direta disso no plano relacional é a instrumentalização dos outros. Funcionários deixam de ser sujeitos de direito e passam a ser meios de sustentação do self empresarial. O não pagamento de horas extras, a informalidade forçada e a culpabilização do trabalhador (“não produz o suficiente”, “não veste a camisa”) são racionalizações defensivas que permitem ao sujeito preservar sua fantasia de

mérito e esforço pessoal. Rosenfeld já apontava que, em estruturas narcísicas desorganizadas, o outro é tolerado apenas enquanto espelho ou recurso; quando exige reconhecimento ou limite, torna-se ameaçador (Rosenfeld, 1971).

No plano jurídico e político, o ataque sistemático à Justiça do Trabalho sob o slogan de “novos tempos” não é neutro nem tecnicamente inevitável. Ele funciona como dispositivo ideológico de dessimbolização do conflito social. Ao transformar direitos em entraves e proteção jurídica em “atraso”, desloca-se a responsabilidade estrutural para o indivíduo. Foucault mostrou que o neoliberalismo não elimina o Estado; ele o reconfigura como produtor de sujeitos responsáveis por seu próprio sucesso ou fracasso (Foucault, 1979). Nesse contexto, o trabalhador precarizado passa a ser visto como alguém que “não se adaptou”, enquanto o empregador endividado e infrator é romantizado como “guerreiro” ou “visionário”. A redução da qualidade de vida à liberdade de consumo — “pode ter quantas televisões quiser” — é antropologicamente empobrecedora. Marx já distinguia claramente entre posse de mercadorias e realização humana: a acumulação pode coexistir com alienação extrema (Marx, 1867). A ideia de que *autonomia da vontade* se resume à escolha de bens e ignora as condições materiais de tempo, saúde, descanso e reconhecimento. A precarização do trabalho não é compensada por acesso a objetos; ao contrário, o consumo passa a funcionar como anestesia narcísica diante da perda de dignidade e sentido. Do ponto de vista clínico, isso produz sujeitos exauridos, culpabilizados e cronicamente inadequados, que internalizam a exigência de gerar riqueza mesmo quando ela jamais se converte em bem-estar. Freud já advertia que a civilização fundada em renúncias excessivas e ideais inalcançáveis produz sofrimento psíquico difuso e agressividade deslocada (Freud, 1930). O discurso do empreendedorismo compulsório é um herdeiro direto desse mecanismo, ele promete liberdade enquanto intensifica a servidão subjetiva.

O" empreendedorismo de fachada ", a acumulação vazia e a exploração laboral não são falhas de caráter individual. São sintomas sociais da epidemia de narcisismo desestruturado. Eles mostram que o modelo não só produz sofrimento psíquico, mas também ineficiência econômica e destruição social. A" escolha "do patrão de não pagar horas extras e a" escolha "do trabalhador de aceitar (sob ameaça de demissão e fome) não estão no mesmo plano. Uma é a expressão de poder narcísico; a outra, a expressão de necessidade de sobrevivência. Chamar ambas de" autonomia "é uma violência semântica que justifica a exploração. O desejo por múltiplas TVs, ou qualquer tecnologia, não brota de um self autônomo. É fabricado por uma máquina de produção de desejo (marketing, mídia, cultura da posição) que explora justamente a fragilidade narcísica. Compre é o “remédio” rápido para a ansiedade de não ser" o suficiente ".

A verdadeira riqueza — a que gera bem-estar real — só pode ser produzida por Self Identitários (indivíduos e coletivos) capazes de cooperação genuína, planejamento de longo prazo e respeito pelos limites, tanto os ecológicos quanto os humanos. Enquanto o ideal do ego social for o do falso-self grandioso, é self vulnerável falso, estaremos condenados a essa economia de fachada, onde se gera dívida, sofrimento e posição, mas nunca se gera, de fato, uma vida que valha a pena ser vivida.

Está com dúvidas sobre seus direitos
Receba orientações iniciais e entenda o que fazer no seu caso.

## INDOLÊNCIA

A observação sobre Freud e a “indolência” humana é importante para evitar uma leitura moralizante. Em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), Freud não afirma que o ser humano seja preguiçoso por vício, mas que há uma tendência econômica à evitação do desprazer (Principio do Prazer e Princípio da Realidade), sendo a ação frequentemente forçada por exigências externas — ambientais, sociais ou pulsionais. O problema surge quando a ação política deixa de ser orientada pela realidade compartilhada, sendo guiada pela necessidade de reparação narcísica. Esse ponto é decisivo para compreender por que, em contextos contemporâneos, a exaltação do “Empreendedor incansável”, do “Trabalhe enquanto eles dormem” ou do “Fracasso como culpa individual” é psiquicamente violenta. Ela exige da pessoa uma mobilização libidinal permanente que não corresponde à economia pulsional humana. Quando a cultura transforma essa exigência em ideal do Eu, cria-se um superego social cruel, que não tolera limites, cansaço ou fracasso — exatamente o superego produtivista já descrito por Weber, mas agora radicalizado. Muitos desses sujeitos não estão “empreendendo demais” por racionalidade econômica, mas porque não podem parar sem colapsar narcisticamente. A ação incessante não visa resolver a realidade, mas calar a angústia. Como Freud já havia indicado, quando o princípio da realidade deixa de operar como mediação simbólica e é instrumentalizado para manter uma fantasia de onipotência, o sujeito entra em um regime de ação compulsiva — uma defesa contra o desprazer psíquico, não uma resposta adequada ao mundo.

Nesse sentido, a política e a economia deixam de ser organizadas por critérios de realidade compartilhada — dados objetivos, limites materiais, proteção social, dignidade do trabalho — sendo guiadas por uma necessidade de reparação narcísica coletiva. O discurso de “novos tempos”, o ataque à *Justiça do Trabalho* e a culpabilização do trabalhador funcionam como mecanismos de deslocamento,a angústia gerada por um sistema estruturalmente incapaz de garantir bem-estar é projetada sobre indivíduos e instituições protetivas, que passam a ser vistas como entraves ou inimigos.

Freud já havia descrito esse movimento em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921): quando o Eu coletivo se sente ameaçado, busca soluções imaginárias que preservem a autoestima do grupo, mesmo à custa da realidade. No caso contemporâneo, isso se traduz na fantasia de que “trabalhar mais”, “empreender mais” ou “flexibilizar direitos” restauraria uma grandeza perdida. Não se trata de política econômica racional, mas de gestão da ferida narcísica.

A consequência clínica e social disso:

- Trabalhadores exauridos, culpabilizados por falhas estruturais;
- empresários presos a projetos inviáveis, mas mantidos como insígnias identitárias;

- Relações de trabalho marcadas pela instrumentalização e pela violência simbólica;
- Um ataque sistemático às instâncias jurídicas que lembram o limite, a dependência e a interdependência.

A indolência freudiana é uma descrição da economia pulsional. O produtivismo contemporâneo é uma negação dessa economia e a precarização institucionalizada é o preço pago para sustentar, no plano social, um narcisismo secundário desestruturado que não tolera o limite nem a dependência. Criou-se ***Sentinela Interno*** (**Hipervigilância Meritocrática de Si**): uma forma de autovigilância permanente, na qual cada ação, cada conquista ou frustração é monitorada, pela própria pessoa, para assegurar a manutenção da imagem de "sucesso" e a evitação da sensação de inferioridade. Esse mecanismo não é apenas defensivo, mas também performativo, cada comportamento é avaliado não apenas internamente, mas à luz da expectativa social de mérito, produtividade e prestígio, tornando a economia libidinal totalmente subordinada à lógica do desempenho e da visibilidade. É, na prática, o *Vigia e Punir* interno freudiano-foucaultiano, um superego socializado que monitora, disciplina e pune o próprio sujeito conforme normas de desempenho, sucesso e prestígio. Um Panóptico internalizado, na linha de Foucault (1975), mas combinado com a psicanálise freudiana, o superego se torna um *Vigia Interno* que opera continuamente, 24h por dia, 365 dias por ano. No modelo do Panóptico, a vigilância é permanente porque a pessoa nunca sabe exatamente quando está sendo observada, por ela ou pelos outros? Internalizando isso, a pessoa assume a vigilância sobre si, antecipando punições e críticas. Ela se limita, se julga, se pune, muitas vezes sem intervenção externa. A energia psíquica (libido) que poderia fluir para prazer, descanso ou relações é constantemente redirecionada para autovigilância e conformidade ao ideal interno. Esse estado mantém o narcisismo secundário desestruturado, pois qualquer frustração ou limitação externa, ou interna, é experimentada como falha pessoal, reforçando ansiedade, ressentimento e compulsões de desempenho. A sociedade — ou de alguns grupos? — cria um *Panóptico Psíquico* permanente, onde a pessoa se torna ao mesmo tempo, vigia e vigiado, juiz e condenado — um mecanismo que sustenta a meritocracia, a competitividade e a precarização institucional.

Faço a síntese mais poderosa e sombria.

Em "1984", o Partido exerce controle total não apenas sobre as ações, mas sobre a realidade e o pensamento. Seu lema é:"Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado.".

O Superego Sádico/Patológico (o" Partido Interno ") faz exatamente isso:

- Reescreve a história pessoal." Você sempre foi um fracasso. "" Sua família nunca te amou. "" Você mereceu toda a humilhação. "A memória é constantemente alterada para servir à narrativa de inferioridade e culpa;

- Monitora cada pensamento, cada desejo. É o Panóptico Internalizado. Qualquer pensamento de autocompaixão, de questionamento, de desejo por uma vida diferente, é imediatamente denunciado como" crime de pensamento "e punido com ansiedade, vergonha e autocondenação.

- Só permite um futuro que repita o passado distorcido." Você nunca será nada. "" Você sempre dependerá dos outros. "É a profecia autorrealizável da miséria psíquica.

É a operacionalidade padrão desse superego,a capacidade de manter duas crenças contraditórias e aceitar ambas:

- " Eu sou especial e merecedor de tudo "(grandiosidade falsa); e

- " Eu sou um lixo e não mereço nada "(ódio de si) coexistem, gerando a paralisia e a confusão do self não-identitário.

Em “1984”, os dissidentes não são apenas mortos; são" apagados "(vaporizados). Deixam de ter existido. Tornam-se" não-pessoas ". Na sociedade do narcisismo desestruturado, os pobres, os" fracassados ", os que não se adequam ao mito meritocrático, sofrem um processo análogo: a morte simbólica e social, que muitas vezes precipita a morte física. O que se tem atualmente?

**1) A Morte Simbólica (a Invisibilidade e a Despersonalização)**:

- São apagados do imaginário de sucesso. Suas histórias, suas lutas, sua humanidade não contam. Tornam-se estatísticas," custos sociais "," população de risco ".

- A dor é negligenciada. A fome, a falta de teto, a doença são tratadas não como tragédias coletivas, mas como evidências de falha moral individual.

- A linguagem os desumaniza,"favelado","marginal","dependente do Bolsa Família". São reduzidos a caricaturas que justificam exclusão, objetificação.

**2) Morte Social (A Exclusão da Cidadania Plena):**

- São privados do direito ao futuro. Educação precária, saúde precária, emprego precário garantem que não haverá mobilidade. Eles são confinados ao eterno presente da sobrevivência.

- São culpabilizados por sua própria condição (" Se esforçassem mais... "), num perfeito descarte social: o sistema nega a eles as condições mínimas, mas os pune por não conseguirem vencer.

- O sofrimento é usado como espetáculo (midiático, a “cifra negra”; a “cifra dourada”, bem, são “espertos”) ou como ameaça (" Não queira ser como eles ").

**3) Por fim, a Morte Física (A Biopolítica do Descartável):**

- Se você não é um gerador ativo de valor (dinheiro, posição, produção) na lógica narcísica, seu corpo perde o direito à integridade e à vida. Você se torna lixo humano a ser gerido, contido ou eliminado.

E quanto à *Internalização Bem-Sucedida da Patologia*? Quem" se adequa "é aquele que conseguiu, a um custo psíquico altíssimo, construir um Falso Self tão convincente recompensado pelo sistema:

- Internalizou o superego sádico e o transformou em um motor de desempenho. Sua vida é um esforço contínuo para provar que não é um dos" pobres "(os vaporizados).

- Pratica o “descarte” fluentemente:" O sistema é justo e recompensa o mérito "(enquanto herda privilégios);" Precisamos cortar gastos sociais "(enquanto seu conforto depende de uma rede invisível de serviços e exploração).

- Necessita da existência dos" pobres "para definir seu próprio sucesso. Eles são seu" proletariado externo ", a massa amorfa sobre a qual ele se eleva. Sua identidade de" vencedor "depende da existência dos" perdedores ".

A “saúde mental” ocorrerá:

- Desmantelar o" Ministério da Verdade "interno. Recusar-se a reescrever a própria história sob a ditadura do superego sádico. Recuperar o direito à própria narrativa, com toda sua dor e complexidade. É o caminho do Self Identitário, que pode dizer:" Eu existo, com minhas falhas e meu valor, fora da definição que o 'Partido' (social, familiar etc.) tenta me impor. "

- Desafiar o" Grande Irmão "social que vaporiza os pobres (Existo, mas não alcancei à meritocracia). É a luta por reconhecimento de humanidade plena. É garantir que o direito à vida, à saúde, à memória e à futura não seja um privilégio dos que" se adequaram "ao sistema doente, mas um direito inerente à condição humana.

Uma sociedade que eleva o narcisismo desestruturado a ideal (Nomos) é uma sociedade que constrói, em cada um de seus cidadãos, um regime totalitário interno (“Vigiar e Punir”, de Michael Foucault; “Como Morrem os Pobres”, de George Orwell). E regimes totalitários, para se sustentarem, precisam de inimigos internos e externos a serem vaporizados. Os" pobres "(simbologia com város significantes) — os que não se adequam — são os primeiros na lista. A cura dessa patologia social não é um ajuste técnico, mas uma revolução na economia psíquica coletiva, que só pode começar com a recusa em continuar sendo, ao mesmo tempo, o prisioneiro, o vigia e o carrasco de nós mesmos.

## LOUCURA

A referência à Grécia antiga é conceitualmente fecunda porque evidencia que o estatuto do desvio é uma construção histórica. Como demonstram Vernant e Detienne, na Grécia arcaica a loucura (mania) não era imediatamente reduzida à patologia ou à falha individual, mas frequentemente interpretada como atravessamento pelo divino, pela até ou pela palavra dos deuses. O sujeito em desvio não era excluído do simbólico; ao contrário, ocupava um lugar ambíguo, por vezes perigoso, mas dotado de sentido e dignidade ontológica. A alteridade psíquica não era eliminada, mas inscrita em uma ordem cosmológica que reconhecia limites à razão humana e à soberania do Eu.

A modernidade, ao contrário, como mostra Foucault em “Vigiar e Punir” (1975), opera uma mutação decisiva: o desvio deixa de ser simbolizado e é disciplinado. Loucura, pobreza, improdutividade e indisciplina tornam-se objetos de *saber-poder*. O que antes era diferença passa a ser anormalidade, e a anormalidade exige correção. Surge, então, uma racionalidade que não tolera a perda, a fragilidade ou o limite, pois estes ameaçam a lógica produtiva e a ordem social. A exclusão deixa de ser ritual ou simbólica e torna-se técnica: hospitais, prisões, escolas, fábricas. O corpo e o tempo do sujeito são adestrados para produzir, obedecer e se ajustar. Esse processo atinge seu ponto máximo quando a vigilância deixa de ser apenas externa e se internaliza, configurando o que pode ser lido, à luz de Orwell, como um “1984 Psíquico”. O panoptismo, descrito por Foucault, não necessita mais de um vigia visível: o sujeito passa a vigiar a si. O superego contemporâneo funciona como um “Big Brother” interno, operando 24 horas por dia, exigindo desempenho, sucesso, adaptação e positividade. Não se trata apenas de obedecer à lei, mas de incorporar a norma como identidade. Quem não se adequa não é apenas punido; é convencido de que falhou enquanto pessoa.

Nesse sentido, a modernidade capitalista (neocapitalista) realiza uma ruptura radical com o mundo antigo: ela transforma o desvio — econômico, psíquico ou social — em culpa individual, retirando-lhe qualquer dignidade simbólica. O louco deixa de ser portador do divino; o pobre deixa de ser vítima da fortuna (nas mãos de poucos); o fracassado deixa de ser efeito da contingência histórica. Todos passam a ser lidos como responsáveis por sua própria exclusão. É exatamente aqui que o narcisismo secundário desestruturado encontra seu terreno social ideal: uma cultura que não reconhece o limite força o sujeito a negar sua vulnerabilidade, convertendo frustração em vergonha, vergonha em ressentimento, e ressentimento em agressividade. A tese do narcisismo desestruturado se insere nessa história como a psicopatologia correspondente a essa evolução cultural. O self não-identitário é o sujeito panoptizado e orwelliano: ele internalizou o olhar, interno e externo, que vigia e pune qualquer" desvio "interno (vulnerabilidade, dúvida), e anseia por um “Grande Irmão” externo que prometa acabar com a agonia da finitude, oferecendo a ilusão de uma grandeza total e sem limites — exatamente o que o cosmos grego jamais prometeu, mas que a modernidade, perversamente, insiste em vender como a única forma de vida digna.

## Confortavelmente

Em *The Wall*, de Pink Floyd, o personagem Pink encontra-se imobilizado diante da televisão, anestesiado, dissociado do mundo e de si. Não se trata apenas de alienação banal, mas de um entorpecimento psíquico defensivo. A letra articula um estado em que o sujeito já não sente dor nem desejo, apenas uma neutralização afetiva que impede o colapso narcísico. É exatamente o que Freud descreve, em *Além do Princípio do Prazer* (1920), como a busca pela redução absoluta de tensão, quando o aparelho psíquico não consegue mais elaborar o desprazer. A televisão, nesse contexto, funciona como objeto narcísico substitutivo: não exige alteridade, não frustra, não convoca responsabilidade. O sujeito não está em repouso saudável, mas em retirada libidinal do mundo, compatível com o narcisismo secundário defensivo. Há retorno da libido ao Eu, porém não como integração, e sim como anestesia. Isso se aproxima do que Winnicott chamaria, mais tarde, de *falso self adaptativo*, esvaziado de vitalidade (Winnicott, 1960). A canção também dialoga com o panóptico internalizado. O personagem já não precisa de vigilância externa: médicos, empresários, militares e produtores aparecem como vozes que administram seu corpo e sua performance. O superego não mais pune pelo excesso, mas pelo não funcionamento. O entorpecimento é a única saída possível frente a um superego produtivista insaciável, o que articula diretamente Freud (1930), Foucault (1975) e Orwell (1949), agora no registro cultural.

Autores como Lasch (1979) e Bauman (2001) ajudam a compreender esse estado como típico da modernidade tardia: quando o sujeito não consegue sustentar a promessa meritocrática de sucesso e autonomia, ele não entra necessariamente em revolta, mas em desligamento afetivo. “Comfortably Numb” não é apatia simples, mas uma solução psíquica extrema para uma sociedade que não tolera falha, limite ou dependência.

Do ponto de vista foucaultiano, em *Vigiar e Punir* (1975), o poder moderno deixa de se exercer prioritariamente pela violência espetacular e passa a operar pela normalização dos corpos e das condutas. O panóptico não visa apenas vigiar, mas produzir sujeitos que se autorregulam, antecipam a norma e ajustam seu comportamento sem necessidade de coerção externa. Quando esse dispositivo é interiorizado, o sujeito passa a funcionar como executor de si mesmo. A dimensão afetiva torna-se secundária ou inconveniente: sentir atrapalha o desempenho. “Funcionar sem sentir” é, nesse sentido, o efeito subjetivo do panoptismo internalizado — o superego deixa de ser apenas proibitivo e torna-se produtivo, exigindo eficiência contínua.

O conceito de biopoder (Foucault, 1976) aprofunda essa leitura. O poder passa a gerir a vida, os corpos, a saúde, o tempo e a produtividade, não apenas reprimindo, mas otimizando. A vida que não rende, que sofre, que adoece ou que não performa, é tratada como falha de gestão individual. O sofrimento psíquico deixa de ser um problema político ou social e passa a ser um déficit de adaptação. Nesse cenário, o entorpecimento afetivo não é desvio: é uma solução funcional. O sujeito aprende a silenciar o sentir para preservar sua inserção no circuito produtivo.

Essa lógica é explicitamente criticada por Byung-Chul Han em *A Sociedade do Cansaço* (2010). Para Han, o sujeito contemporâneo não é mais o disciplinado, mas o empreendedor de si, que explora a própria vitalidade até a exaustão. A depressão, o *burnout* e o esvaziamento afetivo não são acidentes, mas patologias de excesso de positividade. O sujeito diz “sim” a tudo — metas, desempenho, resiliência — até perder a capacidade de desejar. “Funcionar sem sentir” corresponde, aqui, ao colapso do negativo: não há espaço para limite, luto, frustração ou falta. O entorpecimento é a única forma de sobrevivência psíquica diante de um ideal do Eu inalcançável.

Michael Sandel, em *A Tirania da Meritocracia* (2020), fornece a chave moral e política desse processo. A meritocracia transforma o sucesso em prova de valor pessoal e o fracasso em culpa individual. Isso produz, nos que “vencem”, arrogância moral, e nos que “perdem”, humilhação. Para ambos, sentir torna-se perigoso: o vencedor não pode sentir empatia, pois isso ameaçaria sua fantasia de autossuficiência; o perdedor não pode sentir sua dor como legítima, pois ela é vivida como vergonha. O resultado é um empobrecimento afetivo generalizado, em que os sujeitos seguem funcionando para não confrontar a ferida narcísica que os atravessa.

É nesse ponto que Richard Wilkinson e Kate Pickett, em *The Spirit Level* (2009), oferecem a confirmação empírica. Sociedades altamente desiguais apresentam maiores índices de adoecimento mental, depressão, ansiedade, violência, adições e suicídio, inclusive entre os estratos privilegiados. A desigualdade intensifica a comparação social e produz um estado permanente de hipervigilância do valor próprio. O sujeito não vive; ele se mede. “Funcionar sem sentir” torna-se uma adaptação coletiva a um ambiente psicossocial tóxico, no qual o reconhecimento está sempre em risco.

Do ponto de vista psicanalítico, essa configuração se inscreve claramente no narcisismo secundário desestruturado. O retorno da libido ao Eu não ocorre como elaboração da frustração, mas como retirada defensiva do investimento objetal. O mundo, os outros e o próprio corpo tornam-se fontes potenciais de humilhação narcísica. Para evitar o colapso, o sujeito constrói um *Eu funcional*, operativo, blindado afetivamente. Não se trata de ausência de narcisismo, mas de seu excesso defensivo: o Eu precisa funcionar para sustentar a ilusão de valor, mesmo à custa do sentir.

Nesse sentido, o entorpecimento de *Comfortably Numb* não é passividade, mas hiperadaptação patológica. O sujeito continua performando, obedecendo, produzindo — exatamente como o sistema exige —, mas ao preço da dessubjetivação. Clinicamente, isso se manifesta como alexitimia funcional, cinismo afetivo, dissociação ou depressão sem tristeza, fenômenos amplamente descritos na literatura pós-freudiana (Green, 1983; McDougall, 1989).

Sim, o narcisismo desestruturado prediz esse destino: o self não-identitário, incapaz de integrar amor e ódio, força e fraqueza, acaba por se defender de si mesmo aniquilando a própria capacidade de experiência. Pink," comfortably numb ", não está em paz. Está no estado mais avançado de sofrimento possível, aquele em que se perdeu até mesmo a capacidade de saber que se sofre. E essa é a

condição perfeita para que os mecanismos de vigilância, meritocracia e desigualdade sigam funcionando sem qualquer resistência psíquica – porque não há mais um si mesmo lá dentro para resistir.

## NORMALIDADE

Como uma forma psíquica estruturalmente desorganizada passa a ser reconhecida socialmente como normal, saudável e até desejável?

Em termos rigorosos, o que ocorre não é uma confusão clínica individual, mas uma mutação do critério de normalidade. A normalidade deixa de ser definida pela capacidade de simbolizar, elaborar perdas e sustentar vínculos, e passa a ser definida pela funcionalidade adaptativa ao sistema. Trata-se do que Freud já antecipava ao afirmar que a cultura produz neuroses específicas (O Mal-Estar na Civilização, 1930), mas que hoje assume uma forma inédita: uma neurose socialmente premiada.

Do ponto de vista psicanalítico, o narcisismo secundário estruturado, em Freud e nos pós-freudianos, implica um Eu capaz de:

- tolerar frustração sem colapso;
- reconhecer a alteridade do outro;
- diferenciar valor pessoal de desempenho;
- simbolizar perdas e limites;
- articular prazer e realidade sem clivagem maciça.

A “normalidade” contemporânea não satisfaz esses critérios, embora simule sua **aparência externa**. O sujeito funciona, produz, consome, cumpre metas, mantém autonomia econômica relativa — e por isso é reconhecido como “ajustado”. No entanto, internamente, ele opera sob ***hipervigilância superegóica***, medo constante de queda, intolerância ao fracasso e necessidade permanente de confirmação externa. Isso corresponde, tecnicamente, a um ***narcisismo secundário desestruturado funcionalizado***, não a um estruturado.

A chave está em compreender que o critério social de saúde foi deslocado do campo da economia libidinal para o ***campo do desempenho***. Aqui, Foucault é decisivo, o poder moderno não busca sujeitos íntegros, mas corpos e psiquismos úteis, previsíveis e autogeridos (*Vigiar e Punir*, 1975; *Nascimento da Biopolítica*, 1979). Assim, uma estrutura narcísica defensiva, desde que produtiva, deixa de ser percebida como problema e passa a ser validada como virtude.

Byung-Chul Han descreve esse processo com precisão ao mostrar que o sujeito do desempenho não é neurótico no sentido clássico (conflito entre desejo e proibição), mas exausto, explorando a si mesmo em nome de um ideal introjetado (*A Sociedade do Cansaço*, 2010). O sofrimento não se expressa mais como sintoma ruidoso, mas como anestesia afetiva, depressão sem tristeza, cinismo funcional — exatamente o “funcionar sem sentir”. Isso não é estruturação do self; é encapsulamento defensivo.

O ponto central é que a sociedade passa a confundir ausência de colapso com saúde psíquica. O sujeito que não “quebra” é considerado estruturado, mesmo que:

- não tolere dependência;
- viva relações instrumentais;
- desvalorize quem não performa;
- internalize a lógica do “vigiar e punir” como autocontrole permanente;
- organize sua autoestima exclusivamente por métricas externas.

Aqui se dá a inversão decisiva: o **narcisismo secundário desestruturado torna-se normativo**, enquanto o narcisismo verdadeiramente estruturado passa a parecer ingênuo, frágil ou improdutivo. Quem simboliza, recusa a hiperperformance ou reconhece limites é visto como “não competitivo”, “emocional demais”, “pouco resiliente”.

Os ***Mecanismos Sociais que Consagram a Patologia****,* como norma, são:

- A Cultura Corporativa — Celebrar o" workaholism ", o" disponível 24/7 ", o" resiliente "(que aguenta qualquer abuso sem reclamar). Isso não é saúde; é a glorificação do funcionamento sem sentir.
- A Ditadura do" Positivismo "— A exigência de ser" positivo "," grato "," vencedor "a todo custo, que invalida qualquer experiência legítima de dor, frustração ou luto. É a proibição social da vulnerabilidade.
- A Estética da Perfeição (Redes Sociais) — A curadoria de uma vida impecável, cheia de conquistas, viagens e felicidade constante. É a exibição pública do *Falso Self Grandioso*, que pressiona todos a fazerem o mesmo.
- A Pedagogia da Competição — Desde a escola, a mensagem é:"Você está aqui para vencer, não para cooperar ou aprender por prazer."Isso ensina às crianças a construírem um self baseado na comparação e na superioridade, não no interesse genuíno ou na autoaceitação. O" fim em si "dá lugar para" objetificação ", da própria pessoal, em todos os relacionamentos humanos.

ss

Envie as suas dúvidas

Receba orientações iniciais e entenda o que fazer no seu caso.

Comentários (0)Confira os comentários realizados por outras pessoas sobre esse artigo.

uFaça comentário construtivo para esse documento